

LIBERALISMO TROPICAL

Otavio Frias Filho

Folha de S. Paulo, 11.10.2001

Roberto Campos foi seminarista, diplomata, um técnico influente no segundo período Vargas e no governo Juscelino, o principal ministro na instalação do regime militar, senador e deputado após a redemocratização de 85. Mas nenhuma das facetas de seu ecletismo superou a mais saliente delas, a de "ideólogo".

Sua contribuição acadêmica não foi decisiva, sua passagem pela iniciativa privada foi um fiasco, e só por três anos, dos 21 que duraria o regime militar, a economia esteve em suas mãos. Ele foi um brilhante articulista e expositor de idéias, um intelectual que exerceu contínua e crescente influência pública durante 40 anos.

Ligado à adoração da liberdade de mercado, seu nome foi estigmatizado como vendilhão da pátria durante as décadas em que as idéias liberais estiveram em declínio. Mas Campos teve tempo para desfrutar da virada quando o liberalismo ressurgiu das cinzas e ex-adversários vinham, conversos, pedir-lhe a bênção.

A consagração não lhe subiu à cabeça, até tirou algo da acrimônia de seus escritos. Ele funcionava melhor em ambiente hostil, quando polemizava solitário, munido de um didatismo que afetava infinita paciência para com a ignorância alheia e de um humor culto, mas agressivo, que podia resvalar na vulgaridade.

Em poucos casos houve tanta separação entre mito e pessoa, porém. A começar pelo aspecto mais prosaico, pois, na esteira da pertinaz campanha de esquerda contra Campos, sugeria-se que a "traição" ao interesse nacional seria não apenas ideológica mas venal. O tempo veio a mostrar que a insinuação era falsa.

Outros dois aspectos, mais importantes, separam a imagem da realidade. A ideologia liberal surgiu na Europa a partir de lutas que visavam ampliar a liberdade de comércio, sim, mas num contexto de ampliação da liberdade política, tolhida por autocracias que sufocavam a iniciativa seja econômica, seja cidadã.

Nossas versões do liberalismo, deformadas pela transposição no tempo e no espaço, amputariam a parte política para ficar apenas com a econômica. Campos seguiu esse figurino: a democracia num país dos trópicos (leia-se, tão desigual) era um estorvo a ser tolerado e suspenso, quando necessário.

A outra dissonância é com relação ao Campos estadista. Nos anos 50, o economista esteve ligado à montagem, nos bastidores Vargas-Kubitschek, do modelo que ele próprio levaria adiante após 64: um capitalismo de Estado, com forte orientação governamental para suprir as carências da livre iniciativa.

Campos evoluiu, como ele mesmo apregoava? Todo liberal na oposição é, no caso, um autoritário no governo? Ou ele era apenas expressão do paradoxo intrínseco ao liberalismo tropical? Se Chu Enlai disse que era cedo demais para avaliar a Revolução Francesa, tampouco há pressa para esta resposta.